



GT 031. Ensinar e Aprender Antropologia

Amurabi Pereira de Oliveira (Universidade Federal de Santa Catarina) - Coordenador/a, Ceres Karam Brum (UFSM) - Coordenador/a

É notório que nos últimos anos a Antropologia tem expandido sua presença junto às mais diversas formas universitárias e não universitárias, bem como, tem havido no Brasil um incremento na formação de antropólogos em nível de pós-graduação e de graduação, sem que com isso tenha havido um debate profundo em torno do seu ensino, bem como das particularidades do aprendizado de ser antropólogo, em termos da aquisição teórica-metodológica. O processo formativo em antropologia passa, necessariamente, pelas relações entre ensino e aprendizagem, de modo que a discussão em torno de sua aquisição mostra-se fundamental para a própria compreensão dos rumos da Antropologia como ciência na atual conjuntura. O presente Grupo de Trabalho visa discutir estas questões, com foco na formação de antropólogos e de não antropólogos, discutindo as diversas inserções da ciência antropológica em vários espaços formativos. Buscamos realizar uma reflexão em torno do lugar do ensino/aprendizagem da antropologia, bem como dos desafios postos a sua realização, e das fundamentações teóricas, epistemológicas e práticas que subjazem seu ensino, voltando para a formação de antropólogos (em nível de graduação e pós-graduação), cientistas sociais, profissionais da saúde, professores etc. Também buscamos compreender o ensino/aprendizagem da Antropologia na educação básica. Este GT se baseia numa ampla interface entre a antropologia e ensino, visando abarcar os mais diversos trabalhos produzidos neste cenário.

Antropologia por meio do design, design por meio da antropologia: diálogos especulativos sobre práticas coletivas e a atenção

Autoria: Raquel Gomes Noronha, Camila de Pádua Aboud

Este texto visa contribuir com o debate proposto neste grupo de work a partir de reflexões teóricas e práticas sobre as práticas de correspondência, propostas como alternativas para se fazer (e pensar) antropologia, na abordagem de Tim Ingold (2011; 2015; 2016; 2018). A partir de experiências com praticantes habilidosos - alunos de design e artesãos - vimos desenvolvendo no âmbito do NIDA - Núcleo de pesquisas em Design e Antropologia da Universidade Federal do Maranhão, experiências de construção de coisas (Ingold, 2012) que propiciem conversações sociais e que possibilitem, por meio do fazer coletivo, construir correspondências entre professores, alunos e artesãos. Para Ingold (2011; 2013; 2016a; 2016b; 2018) as práticas de correspondência são um processo responsivo, no qual os atores envolvidos nesta prática desenvolvem uma "response-ability" em relação ao outro e o que emerge dessas mútuas respostas para além de uma observação, cujo objetivo seria a descrição é, para o autor, uma prática da atenção, uma forma de estar no mundo por meio da qual nos disponibilizamos ao outro, no tempo presente e no viver. Nesta pesquisa, a partir do engajamento por meio da construção de jogos, construímos colaborativamente o conhecimento, para além de fronteiras disciplinares e hierarquias de tipos de conhecimento - o do pesquisador, o do aluno e do sujeito da pesquisa, dialogando com perspectivas decoloniais (SPIVAK, 2010; ESCOBAR 2016). Com a produção coletiva de jogos, construção de materiais didáticos e uso de imagens, propomos um processo de imaginação de futuros coletivos, trazendo à antropologia a prática do projeto, categoria sine-qua-non para que se estabeleça a prática do design. Pensar uma antropologia projetual, a partir de processos especulativos têm sido objeto de estudo do Design Anthropology, subcampo do saber em voga em alguns países escandinavos e Reino Unido, aos quais temos interagido na forma de intercâmbios. Pensar o design a partir da antropologia tem sido um percurso que vimos trilhando, desde a prática etnográfica no âmbito do processo projetual até nossos estudos mais recentes sobre como podemos discutir e problematizar as questões de representação em processos colaborativos do design. Assim, a partir desta discussão teórica,



apresentaremos o processo de elaboração de um jogo intitulado ?jogo do coco?, com as quebradeiras de coco babaçu de São Caetano, município de Matinha (MA) e seus filhos. Na ocasião do desenvolvimento do jogo, foi possível construir estratégias de visibilização, tangibilização e conversação social, amparados pelas coisas que com as quais nos correspondemos e pensar a antropologia, seguindo as reflexões de Ingold, de que fazer antropologia é um processo de direcionamento da atenção (INGOLD, 2016; 2018).



Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero, de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e



Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA) e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

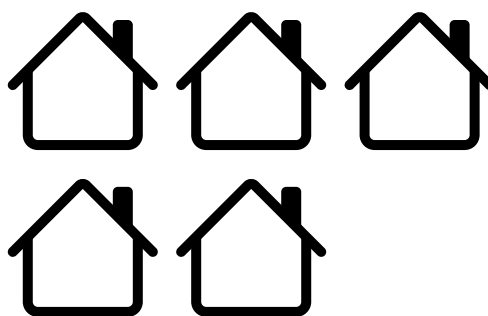
Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização:



Apoio:



Organização:

